DOI: 10.20396/revpibic.

Avaliação do atendimento às mulheres vítimas de violências sexual no CAISM/UNICAMP no período de 2012 a 2017.

Caroline A Duarte*, Arlete Maria dos S Fernandes.

Resumo

Dentre os tipos de violência, os abusos sexuais são os que mais afetam as mulheres, tendo os homens como agentes mais frequentes do delito.Objetivos: Essa pesquisa teve por objetivo conhecer e caracterizar as mulheres que procuraram o serviço especializado do CAISM/UNICAMP e avaliar a qualidade de cuidado prestado pelo serviço. Sujeitos e Método: Um estudo retrospectivo com levantamento dos 887 casos do banco de dados do atendimento às vítimas de violência nos últimos seis anos e com complementação de alguns dados a partir da revisão de prontuários médicos. Resultados: é necessário buscar estratégia mais eficientes na convocação e adesão dessas pacientes ao atendimento disponível

Palavras-chave: *violência sexual, profilaxia e agravos.*

Introdução

A violência é definida, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como o uso de força física ou de poder, sobre forma de ameaça ou real, que resulte ou possa levar a lesão, morte ou dano psicológico, prejuízos ao desenvolvimento ou privação a si próprio, a outra pessoa ou comunidade Essa problemática é mundial e foi definida como um problema de saúde pública, ainda segundo a OMS, uma em cada três mulheres já sofreram violência sexual, tendo uma incidência de doze milhões de vítimas por ano. Os prejuízos que uma violência sexual causa à vítima podem ser a longo ou curto prazo, abrangendo várias esferas da saúde da mulher, como física, psíquica e social. Pelo potencial de complicações e agravos, após um evento violento tem sido preconizado o atendimento inicial na área da saúde. [1]

No CAISM esse serviço foi iniciado em 1994 com atendimento de emergência e normatizado com acompanhamento ambulatorial nos primeiros seis meses, com equipe multidisciplinar, a partir de 1998 sob o nome de Serviço de Atendimento Especial. Portanto essa pesquisa tem por objetivo conhecer e caracterizar as mulheres que procuraram o serviço especializado do Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti da Universidade Estadual de Campinas e a tipologia da violência sofrida, além de avaliar a qualidade de cuidado prestado pelo serviço.

Resultados e Discussão

Foram levantados dados de 887 atendimentos realizados no período de 2012 a 2017, através do banco online preenchido pelos profissionais durante a prestação do serviço, além disso já foi realizada a complementação de informações de 665 desses atendimentos nos prontuários físicos resguardados ao CAISM/UNICAMP. Das mulheres que receberam esses atendimentos 65% se autodeclararam brancas, 26% pardas e 7% pretas, encontrando-se em estado civil casada 75% delas. Das condições relacionadas a violência em ¼ dos casos a abordagem aconteceu dentro da residência da própria vítima e 40% dos casos foram atribuídos a agressores conhecidos por elas. Na pesquisa de complementação não obtivemos dados relevantes na relação entre os casos de violências sexual e a interferência das mídias sociais, pois em 92% as ocorrências com agressores conhecidos a aproximação foi pessoalmente.

No atendimento inicial de emergência 70% das mulheres receberam como profilaxia para infecção por HIV, o esquema BIOVIR+KALETRA, porém o uso correto por 28 dias foi identificado em apenas 44% delas, 12% interromperam o tratamento, sendo o maior motivo a intolerância à medicação. Ressalto que nos demais 43% dos casos não havia informação no prontuário referente ao uso correto e término dessas medicações. Em relação a profilaxia contra infecção pelo vírus HBV, a vacina e imunoglobulina são aplicadas na emergência, além de uma orientação para complementação das duas doses restantes da vacina ou confirmação dessas pela carteira de vacinação. Porém em 68% dos casos revistos não encontramos nenhum registro em prontuário verificando essa informação, apenas 17% das mulheres atendidas comprovaram vacinação e as demais 15% apresentaram carteira de vacinação incompleta.

O tempo adequado entre a agressão e a realização das profilaxias contra infecção e gestação é de 72 horas, para sua maior efetividade. No serviço prestado pelo ambulatório identificamos que 91% das pacientes procuram ou são trazidas antes desse horário limite, porém apenas metade delas seguem o atendimento de 6 meses até receberem a alta, sendo que entre essas que descontinuam 59% apenas realizam o atendimento de emergência e nenhuma consulta no ambulatório.

Conclusões

Os resultados evidenciam uma importante vivência de violência sexual das mulheres por agressores de seu convívio, bem como em ambientes habituais de sua rotina, consequência direta da desigualdade de gênero. O serviço avaliado dispensa às pacientes todas as profilaxias previstas pelo ministério da saúde e atendimento multidisciplinar, porém ainda é necessário buscar estratégia mais eficientes na convocação e adesão dessas pacientes ao atendimento disponível, bem como compreender as razões existentes para evasão.

1 Faúndes A, et al. Violência sexual: procedimentos indicados e seus resultados no atendimento de urgência de mulheres vítimas de estupro. Rev Bras Ginecol Obstet. 2006; 28(2): 126-35.

(cc) BY-NC-ND